

TESE CUTISTA PARA O VIII CONATEE

BALANÇO DA CONTEE

1. Inicia-se o presente documento com uma síntese da realidade política dos últimos anos que antecedem o VIII CONATEE – fundamental para que possamos entender as potencialidades e os limites que se impuseram à nossa entidade sindical nesse período.

2. A CONTEE, desde seu último Congresso, tem intensificado a lógica da disputa sindical entre as Centrais que compõem a Confederação. A partir do acordo realizado no VII CONATEE em que se estabeleceu a manutenção da filiação à CUT, mas com participação também na CTB, a entidade tem se transformado num aparelho ideológico político-partidário, com disputas internas em todos os espaços para construir as políticas da CTB. Nesse contexto, inúmeros são os exemplos práticos, dentre os quais podemos destacar a comunicação da entidade: basta acessar a página da CONTEE na internet e veremos que não há nenhum logo da Central Sindical à qual é filiada, a CUT; ao contrário, aparecem muito mais as políticas e notícias da Central da qual também participa. Da mesma maneira, na revista CONTEÚDO, em cuja edição de aniversário, por exemplo, entrevistaram-se apenas os ex-presidentes, coincidentemente todos ligados à mesma corrente política.

3. Destacaram-se, também, nesse último período, as disputas eleitorais acirradas em sindicatos filiados ou, ainda, a criação de novos sindicatos. Foi assim no Sinpro/RS, no Sinteep Noroeste, no Sinproeste. Importa ressaltar que o problema para a nossa Confederação não foram as disputas eleitorais, pois se entende que as disputas políticas são legítimas, quando se tem por objeto diferentes projetos e ideias e não quando motivadas só por espaços de poder. O mais nefasto foi a criação de novos sindicatos, como política adotada pela CTB para garantir sua efetiva maioria na Confederação.

4. Restou claro, na última gestão da CONTEE, o empenho de companheiras (os) da referida corrente em praticar o seu *modus operandi*, marcando posições e não se desviando um milímetro de seus dogmas. Acontece, porém, que uma entidade sindical deve cumprir seu papel enquanto tal, não confundindo suas tarefas com as de um partido político. A cada um a legislação brasileira estabelece funções e objetivos específicos, cabendo a uma Confederação aglutinar e coordenar as Federações e Sindicatos do seu ramo de atividade, no que tange às políticas referentes ao mundo do trabalho e às políticas sindicais. Uma Confederação tem de ser representativa da classe que congrega, ou seja, representante dos professores e técnicos administrativos. Contudo, do ponto de vista político, temos assistido, na CONTEE, à representação de uma classe tão somente, bem como ao atrelamento da Confederação à política oficial de um partido político. Embora haja a demarcação de posições contra o sistema capitalista, exploratório e precarizador das relações de trabalho, inexistente a possibilidade de transigir para se avançar na construção de políticas públicas específicas e globais para a classe trabalhadora. Cita-se, como exemplo dessas práticas, a tramitação do Projeto de Lei do PRONATEC, em que se iniciou uma negociação com o Parlamento e o Ministério da Educação no sentido de emendar na lei a obrigatoriedade de contratação de professores na Educação Profissional que acessasse o programa de financiamento. Entretanto, no meio do processo de articulação, a sua Direção Executiva acabou por aprovar e divulgar uma posição contrária ao PRONATEC como um todo, encerrando, com isso, qualquer possibilidade de aceitação de nossa emenda.

5. Entende-se que uma Confederação deva se constituir a partir de um tripé: ligação com suas entidades de base, manutenção de políticas institucionais e ligação com os movimentos sociais. Avaliamos que a ligação com as entidades de base são precárias. Apesar do fato de tal crítica ser antiga, julgamos que o distanciamento da Confederação com os sindicatos e suas políticas do cotidiano ainda continua. Da mesma maneira, sua relação com os movimentos, que são episódicas e casuais.

6. Sobre as políticas institucionais, registra-se, também, que entendemos que uma entidade sindical de terceiro grau deve cumprir com o seu papel de representante, de articuladora e mobilizadora da classe trabalhadora na luta contra o capital. Julga-se necessária uma atuação efetiva da CONTEE em Brasília, pois é na Capital da República que se definem as disputas nacionais. Todavia, a presença da CONTEE em Brasília, nessa última gestão, infelizmente, foi muito fraca. A centralização das reuniões da Direção Nacional da CONTEE em São Paulo e a fraca presença em Brasília demonstram a ineficiência das políticas da Confederação em âmbito federal, pouco contribuindo naquilo que os sindicatos e federações mais necessitam, que é de representação das lutas em nível nacional.

7. Ao contrário de outras entidades, como a CNTE e a UNE, que marcaram presença em várias disputas, tais como o PNE, são entidades reconhecidas pelos Poderes Legislativo, Executivo e Judiciário, em contrapartida, a CONTEE é pouco conhecida por esses Poderes e, infelizmente, não tem influenciado nas políticas ditadas na capital federal. Aliás, a CONTEE é vista como uma entidade isolada que apenas marca suas posições de forma prepotente e sectária, inclusive entre as entidades parceiras. Desse modo, defende-se que a CONTEE acompanhe a construção e implementação de Projetos de Lei no Congresso Nacional, no sentido de preparar intervenções contundentes e efetivas em espaços de discussão e debate das políticas elaboradas/propostas. Defende-se, também, a necessidade de a CONTEE ampliar a relação com o Ministério da Educação (MEC) e o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), bem como acompanhar os julgamentos no TST.

8. Avaliamos igualmente que a estrutura da CONTEE está defasada, com o não funcionamento das Regionais e da hiperconcentração de poderes na executiva, fazendo com que não haja uma prática colegiada, concentrando poder nas coordenações, o que relega à Direção Plena um papel de homologadora das políticas executivas. Não se enxerga em nossa entidade uma identidade nacional.

9. Também há pouco pluralismo nas políticas de Direção, com políticas também voltadas aos técnicos administrativos. Nossa entidade concentra seu discurso e suas políticas muito em função dos professores. Embora se compreenda que estes constituam a categoria majoritária na Confederação, sente-se certo descaso em relação às políticas com a outra categoria. Um exemplo disso é a falta de uma política contra a terceirização. Os Técnicos Administrativos avançaram no último período em seus Encontros Nacionais, mas as políticas deliberadas ainda são pouco absorvidas pela entidade.

10. Por último, reconhecemos também que houve políticas positivas na atual gestão. Podemos destacar, dentre outras, a articulação em torno da Conferência Nacional de Educação (CONAE), desde suas etapas regionais, até o evento final na capital federal. A Secretaria de Organização Sindical também teve um papel protagonista, com os Seminários de Campanha e Negociação Salarial, principalmente com a Campanha “Tem algo errado no ensino privado”, que foi usada pelas entidades de base, de norte a sul, nas campanhas salariais deste ano. Também destacamos a campanha pela saúde do trabalhador, realizada no início da gestão, para a qual, entretanto, faltou continuidade.

11. Este balanço crítico revela o quanto nossa CONTEE precisa avançar ainda. Tal avanço, contudo, deve estar sempre baseado num padrão de convivência que prime pelo debate de ideias, pela construção de propostas e respeito às decisões coletivas tomadas pelos fóruns decisórios da entidade. Finalmente, essa experiência da construção de uma organização nacional, fundada na luta unitária para vencer o capital, deve servir de referência e instrumento de reunificação do movimento sindical brasileiro.

Assinam a tese as forças políticas Articulação Sindical (ARTSIND) e Sinpro -ABC